

# O “NOVO” COMEÇA NO DESERTO (Oseias 2,4-25)

*Tércio Machado Siqueira*

## **Resumo**

*A perícopre de Oseias 2,4-25 está inserida nos relatos pessoais do profeta, mas isto não o isenta de apresentar um dos seus juízos mais radicais. Seu alvo era resgatar a identidade da fé israelita, perdida em meio às tentações promovidas pela prosperidade do Reino do Norte. Com o apelo para que o povo voltasse ao deserto e deixasse Javé lhe falar ao coração, Oseias elaborou uma afirmação querigmática de toda Bíblia. Sem recomendar e oferecer soluções mágicas e bélicas, ele propõe um caminho libertador que depende tanto do amor e da bondade de Deus como da vontade do povo de Deus.*

**Palavras-chave:** *Reino do Norte. Denúncia. Deserto. Bondade. Coração.*

## **Abstract**

*The pericope of Hosea 2.4-25 is inserted in the prophet's personal accounts, but it does not exempt him from presenting one of his most radical judgements. His target was to rescue the Israelite faith identity, lost among the temptations promoted by the Northern Kingdom prosperity. With the call for the people to return to the desert and let Yahweh speak to their heart, Hosea developed a kerygmatic statement of all the Bible. Without recommending and offering magic and military solutions, he proposes a liberating way that depends not only on love and goodness of God but also on the God's people will.*

**Keywords:** *Northern Kingdom. Accusation. Desert. Goodness. Heart.*

Oseias é um autêntico profeta no Reino do Norte e, por esta razão, ele possui grandes novidades: predomina o título *nabi'*, *profeta*, e associou a situação social à questão religiosa. O Norte foi o berço do profetismo. Talvez esta seja a

razão pela qual Amós deixou o Sul para exercer o seu ministério no Norte. Lá, a função profética deixa de ser a de um profissional da corte e do templo para se aproximar do povo carente e oprimido. Provavelmente, esse profetismo, enraizado nas tradições tribais, recebeu a influência do sacerdócio levita. Por essa razão, a pregação profética revela uma prática solidária, presente no tribalismo. É com esta visão que devemos ler o profeta Oseias.

### Forma e lugar

A perícopé, Oseias 2,4-25, é uma peça jurídica, envolvida na linguagem de lamento. O profeta Oseias usa esta linguagem para denunciar e julgar o povo do Reino do Norte, particularmente, Samaria.

Embora Hans Walter Wolff<sup>1</sup> tenha apontado os versos 4-17 como a perícopé, optamos por acrescentar os versos 18-25 porque eles completam a intenção de uma punição, por meio de um julgamento (v. 4-15), e a restauração do povo (v. 16-25). A intenção de Javé de punir o povo nortista não tem a finalidade da destruição completa, mas levá-lo à restauração da aliança do povo com Deus (v. 16-25). Neste julgamento, o critério a ser aplicado é a justiça salvífica (v. 16-25). Esta forma de julgamento revela a autêntica e tradicional teologia, segundo a qual a justiça não é punitiva, mas salvífica. Assim, ele revela sua intenção (2,21).

Quanto à data deste pronunciamento profético, temos muito a comentar. Em primeiro lugar, é preciso destacar que o profeta exerceu sua atividade no Reino do Norte, nos reinados de Jeroboão II (783-743 aC), Zacarias (743 aC), Selum (743 aC), Manaém (743-738 aC), Faceia (738-732 aC) e Oseias (732-724 aC). Esta datação vem do “Quadro Cronológico” pertencente à *Bíblia de Jerusalém*<sup>2</sup>. Porém, Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman estabelecem uma datação diferente, baseada nas últimas pesquisas arqueológicas<sup>3</sup>.

Dos seis reis, três tiveram mortes premeditadas por conspiradores ao trono: Zacarias foi assassinado por Selum (2Rs 15,8-12); por sua vez, Selum foi assassinado por Manaém (2Rs 15,10-15) e Faceia foi assassinado por seu general (2Rs 15,23-26). Todavia, para entender esse catastrófico período político é preciso analisar o governo de Jeroboão II. Segundo Finkelstein, a prosperidade desse reinado não evitou que as fraquezas surgissem, especialmente, entre os seus colaboradores políticos e militares<sup>4</sup>.

1. WOLFF, Hans Walter. *Hosea*. Philadelphia: Fortress Press, 1974, p. 30-45.

2. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2013, p. 2170-2188.

3. FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: Girafa, 2003, Tabela 7.

4. *Idem*, p. 290-301.

Em onze anos (743 a 732 aC) aconteceram três assassinatos de reis. A prosperidade política e a riqueza educaram e levaram o povo do Reino do Norte a se distanciar dos ensinamentos da Torá<sup>5</sup>. O texto de Os 4,2 mostra que o profeta estava atento aos mandamentos não cumpridos pelas autoridades político-religiosas da elite do Reino do Norte. A assirianação da população do Norte foi, em grande parte, a responsável pelo descontrole dos costumes e das práticas do povo. Certamente, os estudos sobre o reinado de Jeroboão II lançarão luzes sobre as atividades e os pronunciamentos do profeta Oseias. A influência dos costumes assírios sobre a população samaritana, a prosperidade e a importância política e econômica, no período desse reinado, trouxeram, para parte da população, grandes vantagens.

Apesar das dificuldades atuais, com as escavações arqueológicas na localidade de Samaria, foi ainda possível encontrar referências ligadas ao livro de Amós, contemporâneo de Oseias. Elas oferecem algumas pistas sugestivas sobre a riqueza e a prosperidade na capital do Reino do Norte. Primeiramente, o livro de Amós informa sobre o mobiliário do palácio incrustado de marfim (Am 3,15; 6,4). A segunda referência à riqueza de Samaria vem dos achados arqueológicos: duzentas placas de marfim, no estilo fenício, datadas do século VIII aC. Os pronunciamentos críticos dos profetas Amós e Oseias refletem o apogeu do rei Jeroboão II<sup>6</sup> (6).

Quanto ao lugar vivencial deste texto, é possível apontar o culto, ao ar livre, sem templo. O elemento jurídico desta perícopa revela que a prática religiosa não se distanciava dos passos jurídicos. Todavia, não é difícil perceber que o lugar da aliança em Israel tinha dois ambientes: a corte e o culto, mas esta perícopa de Oseias merece uma análise cuidadosa. A Crítica da Forma, através de seus pesquisadores e de suas pesquisadoras, tem observado que, no Norte de Israel, a celebração da renovação da aliança era periodicamente revisada, aperfeiçoada e incluída no serviço do culto penitencial. Especialmente, a palavra *rib* pode ajudar a esclarecer este item (cf. 4,1; 12,3).

A esfera legal da vida de Israel tem formas fixas para apresentar seus pronunciamentos jurídicos. Basicamente, esses pronunciamentos na corte possuíam três partes: a abertura da sessão e a convocação dos membros para o processo; o julgamento, incluindo uma palavra de lamento dita pela parte ofendida; e, por fim, a sentença. Evidentemente que o texto de Oseias é muito detalhado. Ele retrata o relacionamento de Javé com o seu povo, Israel.

5. Evidentemente, as instruções da Torá eram insipientes no tempo de Oseias, mas encontramos sinais de seus ensinamentos em Os 4,1-2.

6. FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A. *A Bíblia não tinha razão*, p. 290-297.

## Comentário

### *A punição pelo crime: denúncia em tom de lamento (v. 4-15)*

Os diversos métodos de interpretação da Bíblia, baseados na crítica da história, têm proporcionado avanços no conhecimento dos textos bíblicos, particularmente do Antigo Testamento. O primeiro desses avanços é o deslocamento do estudo da lei, anteriormente ligado somente ao Pentateuco, para outros âmbitos de tradições, tais como os profetas, os sábios, o culto, entre outros.

Para ler os profetas, especialmente Oseias, é fundamental entender que eles foram intérpretes da Torá. Esta afirmação está substantiada numa frase de J. Meinhold: “Alguém pode compreender completamente os profetas sem a lei, mas não a lei sem os profetas”<sup>7</sup>. Na verdade, os profetas fazem parte da história da formação da Torá, especialmente aqueles do século VIII aC.

Em se tratando dos profetas, estes mostram uma forte dependência das instruções da Torá. A perícopa (Os 2,4-25) mostra que o profeta Oseias estava atento à Torá. Isto fica claro em Os 4,2, quando observamos que o profeta pede ao povo uma conduta visivelmente marcada pelo Decálogo: “não matarás” (*lo' tiršah*: Ex 20,13; Dt 5,17); “não dirás testemunho mentiroso” (*'ed šaqer*: Ex 20,16; Dt 5,20), e “não furtarás” (*lo' tignob*: Ex 20,15; Dt 5,19).

A primeira expressão da perícopa é a ordem de Javé: “processai (*rib*) vossa mãe (*'em*), processai” (v. 4a)! O verbo hebraico *rib*, processar, encontra-se no *Qal* imperativo, plural. A ordem de Javé para processar Israel deixa transparecer que há uma alteração na sociedade. O texto é metafórico: as palavras “mãe” (*'em*) e “mulher” (*'iššah*) referem-se ao povo; por outro lado, “homem, marido” (*'iš*), referem-se a Javé. O emprego do verbo *rib*, por Oseias, encontra-se no âmbito pré-judicial, isto é, a contenda está correndo para o domínio da disputa legal. Javé convoca os israelitas para trazerem suas acusações, *rib*, contra a esposa infiel, Israel: “porque ela não é minha mulher (*iššah*), e eu não sou o marido”, *'iš* dela (v. 4b). A partir daí, segue uma pesada lista de acusação sobre a infidelidade da esposa. Trata-se de um discurso de julgamento profético, conforme fizeram Isaías 3,13-15; Miqueias 6,1-8 e Jeremias 2,4-9.

A razão para esta forte decisão está revelada no comportamento da esposa, *'iššah*: “prostituições (*zenut*) e seus adultérios (*ni'upim*), de entre seus seios” (*šadeha*: v. 4c). O profeta continua usando a metáfora para denunciar o afastamento do povo israelita de seus caminhos. A metáfora tem muitas possibilidades de interpretação. A escolha de marido e mulher para representar Javé e Israel é muito

7. Citada por Gene M. Tucker, *Prophecy and Prophetic Literature*, Em: D.A. Knight, *The Hebrew Bible and its Modern Interpreters*, Philadelphia: Fortress/ScholarsPress, 1985, p. 326-331.

compreensível, porque este é um tema por demais sensível. Esposo e esposa são ligados por uma aliança de amor mútuo e fidelidade. A quebra dessa aliança trazia uma tragédia para a família, bem como para a sociedade.

A quebra dessa aliança, por causa da prostituição e do adultério, iria implicar a destruição da família e, conseqüentemente, da sociedade: a esposa perderia a personalidade, a reputação e o respeito diante da sociedade e da família ao ser despida (*pašať*) em público. Muito mais: a mulher, Israel, perderia a capacidade de produzir filhos e filhas, com o selo da legitimidade, e se tornaria uma vergonha (*boš*) para a família e para toda a comunidade. O que é grave nesta acusação é a mãe ser chamada de prostituta (*zanah*), que andava atrás dos amantes (*'ahabim*: v. 7). A palavra *'ahabim* significa “prazeres do amor” (Pr 7,18), porém Oseias fornece o sentido de uma amante adúltera, isto é, um amor fora do casamento (Os 8,9). Um relacionamento totalmente ilegal segundo os padrões da Torá (cf. Os 4,2). Como se observa, a acusação do profeta tem um alto grau de perigo para o futuro da sociedade israelita.

A punição anunciada seria uma tragédia para o futuro de Israel. Todavia, é fundamental que a leitura de toda a períclope seja considerada. No terceiro anúncio de julgamento (v. 16-19), Javé se propõe a mudar a direção do caminho da esposa, Israel. Afinal, os versos 4-7 devem ser lidos e interpretados como um lamento. O lamento bíblico tem duas facetas: é uma triste constatação, mas é uma afirmação de esperança. No livro dos Salmos, queixar-se não é murmurar ou reclamar, mas revela esperança de libertação (cf. Ex 15,24; Nm 14,2.27.29.36). Oseias segue a tradição bíblica do lamento com esperança, e isto fica claro nos v. 11-12.

#### *Formas de punição (v. 8-15)*

Javé decide punir Israel (v. 4-7) e, nos v. 8-15, Ele apresenta duas formas de punição, cada uma encabeçada pela partícula *laken*, “portanto, por isso” (v. 8 e 11). A ocorrência de *laken*, geralmente, está relacionada à introdução de um anúncio da ação de Javé. É interessante observar as ocorrências desta partícula nos profetas: Amós (7x), Miqueias (6x), Primeiro Isaías (14x), Jeremias e Ezequiel (50x cada) e Segundo Isaías (3x).

O primeiro anúncio de julgamento (v. 8-10) inicia com uma frase que parece estar deslocada da subunidade anterior (v. 4-7): “Por isso, *laken*, eis! cercarei o seu caminho com espinheiros e bloquearei o curral e não encontre suas sendas” (v. 8). A razão desta observação está na forma dos verbos “cercarei, (*suk*, 1ª pessoa do singular), e “bloquearei” (*gadar*, 1ª pessoa do singular), que colocam as frases na primeira pessoa do singular. O sujeito é Javé. As ameaças de cercar e bloquear, para que Israel não encontre saídas para qualquer tentativa de fuga, não devem ser interpretadas como medidas violentas. O texto não fala em punição com morte.

A palavra do profeta tem sua razão de ser. A apostasia de Israel se expõe de várias maneiras: o povo se sente fortemente atraído pelas benesses das grandes potências, especialmente a Assíria (8,9). Para Oseias, Israel apostatou-se da fé javista (2,7; 5,11; 7,7.11), pois esqueceu o verdadeiro centro de sua religiosidade, e negou sua própria identidade. Diante dessa apostasia, Javé está ativo através de suas ameaças (v. 9-10). A razão da punição divina é a conduta ilegal do povo, aqui caracterizada como prostituição. A ação do povo de Israel é atribuída à mulher prostituta. O profeta descreve as consequências de uma vida na prostituição. Os verbos que descrevem a ação da mulher estão na terceira pessoa do singular feminino:

*Perseguirá seus amantes, sem os alcançar; procurá-los-á e não os encontrará, e dirás: caminharei e voltarei ao meu primeiro homem (’iši harišon), porque era melhor para mim do que agora (v. 9).*

O profeta mostra as consequências dos descaminhos de Israel. Aqui cabe uma análise da etimologia da palavra hebraica *’ahabah*, *amante*, cuja raiz é *’hb*. Segundo Hans Walter Wolff (9), a raiz hebraica *’hb* pertence à categoria de palavras em que as ideias de aspiração e emoção são combinadas na forma de desejo secreto. Esta raiz está baseada na ideia de um desejo ardente que, de forma visível e perceptível, anseia por alguém ou por alguma coisa. O profeta Oseias, no anseio de explicar a impetuosa e ardente relação entre Israel e a religião canaanita, fez uso da palavra *’ahabah*, “amante”. Este apaixonado ardor da *’iššah* pelo seu *’iš*, “homem”, gerou este pronunciamento crítico do profeta.

Na verdade, a intenção de Oseias é criticar também a aliança política com Damasco (Is 7,7-9). O que o profeta tenciona, especialmente, é advertir o povo sobre a perda da identidade e a deterioração da moralidade política, pela qual Israel passava. Estes fundamentos da fé foram atingidos e substituídos por práticas estranhas já no tempo de Jeroboão II, um dos períodos de maior crescimento econômico no Norte de Israel. Para Oseias, essa relação com os reinos vizinhos era promíscua e frívola, pois ela não era baseada nos princípios da Torá. Israel corria atrás dos amantes políticos para atrair o favor das grandes potências militares e fortes poderes econômicos da época, seja a Síria ou a Assíria (Os 8,9), mas negligenciava o seu primeiro amor. Diante disso, o profeta se convenceu de que Israel deveria submeter-se a uma completa conversão, e ir ao deserto, para despertar sua memória dos atos salvíficos de Javé na história (2,8-9). Assim, Oseias conclui o seu primeiro anúncio de julgamento mostrando-se desalentado diante de seu esforço para trazer o bem-estar para a comunidade israelita.

Continuando, Oseias faz uso de outras metáforas para completar a primeira parte de seu julgamento:

*Ela não reconheceu (yada’) que eu lhe dava trigo (dagan), vinho (tiroš), e óleo de oliva (yišehar), e prata (kesep), para multiplicar (rabah) para ela, e ouro (zahab), que fizeram (’asah) para baal (v. 10).*

O trigo, o vinho e o óleo de oliva representam a alimentação básica que vem da terra. No Norte, a agricultura é bem mais desenvolvida que no Sul, exceto a região da Sefelá, um rico território agrícola localizado entre a planície da costa do Mar Mediterrâneo e as montanhas de Judá. Quanto à prata e o ouro, representam a fartura produzida pela terra. Algo mais precisa ser dito: estes metais não eram produzidos em Israel, mas eram adquiridos nos “pedágios” das rotas do comércio internacional que passavam pelo território israelita: (a) a Estrada do Mar, posteriormente denominada *Via Maris*, que ligava o comércio do Egito à Mesopotâmia e à Fenícia; (b) a Estrada dos Reis, que ligava o Alto Egito e a Arábia Saudita à Mesopotâmia. A referência à prata e o ao ouro pode indicar a força política do Reino do Norte no domínio das rotas do comércio internacional, especialmente no reinado de Jeroboão II. Para o profeta, a posse do ouro e da prata não é aprovada por Javé. A razão disso era que estes valiosos metais produziam nas pessoas arrogância (Ez 16,17; 28,13-15; Dt 8,13-14) e estimulavam a idolatria (Is 2,7; Os 2,10).

#### *Segundo anúncio de julgamento (v. 11-15)*

Os versos 11-15 estão envolvidos em ameaças. Para Oseias, o culto de Israel tornou-se uma festa a Baal (v. 15). A razão desta perda de identidade tem raízes, especialmente, na situação econômica. Boa parte do povo estava seduzida pela prosperidade dos assírios:

<sup>11</sup> Por isso (*laken*), voltarei (*šub*) e tomarei (*laqaḥ*) o meu trigo a seu tempo, e o meu vinho na sua estação; e tirarei (*našal*), a minha lã e o meu linho, para cobrir a sua nudez (*‘erewah*). <sup>12</sup> E, agora, despirei (*galah*) o seu órgão genital feminino (*nabelut*) aos olhos dos seus amantes (*‘ahabah*) e ninguém a livrará, *našal*, de minha mão. <sup>13</sup> Cessarei (*šabat*), toda sua alegria, sua festa (*ḥag*), sua lua nova (*ḥodeš*), e seu sábado (*šabat*), e sua assembleia (*mo‘ed*). <sup>14</sup> Tornarei assolada (*šamam*), sua vide (*gepen*), e sua figueira (*te‘enah*), das quais dizia: Isto é o que me deram (*natan*) meus amantes. Estabelecerei, sim, por um matagal (*ya‘ar*) e os animais do campo (*ḥayat hasadeh*) as devorarão (*‘akal*). <sup>15</sup> Eu a castigarei (*paqad*), pelos dias dos baais que queimava sacrifícios (*qaṭar*), para eles. E enfeitava (*‘adah*) com anel (*nezem*) e adorno (*ḥeleyah*), e andava (*halak*) atrás de seus amantes (*‘ahabah*), mas de mim ela se esquecia (*šakaḥ*), declaração de Javé (*ne’um Iahweh*: v. 11-15).

Esta subunidade é, pela segunda vez, introduzida pela expressão hebraica *laken*, “por isso, portanto”, é uma partícula que enfatiza as consequências relativas aos julgamentos do profeta. Oseias, novamente, faz ameaças ao povo, tomando como motivação o v. 10. Aqui, Javé ameaça retirar do povo tudo aquilo que Ele lhe deu, pois a sua subsistência alimentar era subtraída da casa para ser trocada por ouro e prata, e empregada na fabricação de imagens de baal. Com esta preocupação, o profeta sugere que os recursos naturais, criados e providenciados

por Javé, se destinam ao sustento do povo. Além disso, os verbos na primeira pessoa são empregados para destacar que Javé estava ativo em todos os espaços de vida, seja no âmbito humano, seja no meio agrícola ou pastoril.

A ameaça contida no verso 12 é agressiva e desconcertante: *despirei* (galah) *o seu órgão genital* (nabelut) *aos olhos dos seus amantes* ('ahabah) *e ninguém a livrará* (našal) *de minha mão*. Este texto revela dois detalhes: (a) as vestes de uma mulher são lã e linho. Isto identifica uma mulher da classe alta de Israel; (b) a exposição da mulher nua, em público, significa não somente vergonha, mas o seu completo desprezo e abandono diante da sociedade.

O abandono de Javé trará mais consequências para o infiel Israel: *Cessarei* (šabat), *toda sua alegria, sua festa* (ḥag), *sua lua nova* (ḥodeš) *e seu sábado* (šabat) *e sua assembleia* (mo'ed: v. 13). Oseias denuncia que as reuniões religiosas estavam corrompidas e deturpadas, pois, se o povo de Israel agiu como esposa infiel e adúltera, suas festas tornaram-se ilegítimas e vazias de sentido. A punição para as celebrações da festa da lua nova, do sábado e da assembleia que Israel fazia, o profeta as classifica como *mešošaḥ*, “sua alegria”. Era um prazer voltado para os celebrantes, e não para Javé. Todos os substantivos, no v. 13, possuem o sufixo do pronome feminino. Isto reforça a intenção do profeta de denunciar o povo como uma esposa adúltera.

Um detalhe que merece a atenção do intérprete desta perícopa é a menção e a inclusão destas celebrações como parte da atividade da esposa adúltera. O profeta critica a festa celebrada pelos israelitas como adultério. Tudo faz crer que Oseias critica e acusa o povo de Israel por esquecer e abandonar a identidade original das três festas do calendário bíblico (Ex 23,14-17; 34,18-23) e transformá-las em celebrações plenas de prazer, mas vazias de significado para a fé.

É importante esclarecer que Israel agregou às festas agrícolas o sentido histórico, transformando-as em celebrações culturais onde a memória dos atos salvíficos de Javé era memorizada. Todavia, é sabido que, desde o terceiro milênio aC, a maioria das religiões do Antigo Oriente Médio se guiava pelo ritmo astronômico da lua. As festas aconteciam nos períodos da lua nova e da lua cheia. A mitologia explica este ritmo afirmando que, no último dia do mês, o deus-lua se retirava em sua câmara nupcial para celebrar sua “lua de mel” (*ieròs gámos*) e o nascer de uma nova vida que se estenderá pelo mundo ao longo do mês seguinte (9). A crítica do profeta Oseias se dirige a esse tipo de festa, conforme sua denúncia (v. 7-9). Nessa festa, o importante era a fecundidade e a nova vida. Tudo leva a crer que os israelitas sucumbiram a esta prática religiosa, convencidos da relação entre o ritmo da lua e o sucesso da vida pessoal e do clã, bem como do solo agrícola e do rebanho.

Quanto à referência sobre o sábado (*šabat*), o profeta Oseias fornece uma surpreendente informação para o período, que é bastante importante para compreender a evolução do ritual do sábado. Certamente, Oseias entendia e praticava

o sábado a partir da formulação do livro de Êxodo: “Durante seis dias farás os teus trabalhos e no sétimo descansarás...” (Ex 23,12). Na sua intenção mais pura, o sábado indica o descanso dos labores da semana. Nesta forma pura, a celebração não se tratava de um tabu religioso, nem de abstenção do trabalho por medo da vingança divina, ou pelo interesse de adquirir prosperidade na vida. Reafirmando, o profeta compreendia o sábado como um tempo de descanso físico, para todos os seres humanos e para os animais. Estas considerações servem para situarmos as palavras de Oseias: *Cessarei (šabat) toda sua alegria (mašoš), sua festa (ḥag), sua lua nova (ḥodeš), e seu sábado (šabat), e sua assembleia (mo’ed: Os 2,13)*. A partir destas palavras, temos a impressão que o profeta critica a forma de celebrar do povo por ela não ter um sentido religioso que viesse trazer um benefício social. A palavra “alegria” resume o sentimento que pairava sobre a festa do povo, reprovada por Oseias. Na forma como o profeta expõe sua reprovação, a palavra alegria traz o sentido de prazer extravagante, nunca de descanso saudável e alegre. Assim, as festas do sábado e da lua nova transformaram-se numa festa prazerosa, mas sem sentido para Javé e para a comunidade. A ocorrência da palavra *mo’ed*, “assembleia”, refere-se ao tempo das duas festas: *šabat* e *ḥodeš*.

Um detalhe que não pode ser esquecido nesta análise é que Oseias faz uso da palavra Baal, tanto no singular (2,10.18; cf. 13,1) como no plural (2,15.19; cf. 11,2). Estas ocorrências sugerem a existência de vários cultos a Baal, seguindo as características da localidade: Baal-Meon (Nm 32,38), Baal-Fegor (Os 9,10), Baal-Farasim (Is 5,20), Baal-Salisa (2Rs 4,42), Baal-Sefon (Ex 14,2.9), entre outros nomes. Ao contrário disso, prevalecem no Antigo Testamento, somente, os traços característicos da personalidade de Javé: santidade (Js 24,19); terrível/tremendo (Dt 7,21); zeloso/ciumento (Ex 20,5); bondade e fidelidade (2Sm 2,6); justiça (Os 2,19), entre outros. A tendência dos profetas é evitar que o culto a Javé ganhasse a forma de cada povo, em cada região.

Oseias tem consciência do perigo que o culto a Baal representa para Israel. Em primeiro lugar, porque o culto a Javé, no Reino do Norte, não era realizado no templo, mas debaixo de terebinto ou carvalho (Os 4,13), em torno de estelas (*mašebah*: 3,4; 10,1), ou lugares altos (4,13-15; 10,8) e tendas (*’ohel mo’ed*). Trata-se de uma memória do culto do período do deserto. Em outras palavras, um culto popular. Em segundo lugar, o profeta rejeita outras formas do culto cananeu como celebração aos ídolos, por meio de suas imagens, terafins (4,17; 8,4), a imagem do touro de Betel (8,5-6; 10,5; 13,2) e os ingredientes da liturgia, como os bolos de passa (3,1). Tudo isto era atraente aos olhos da jovem população israelita (4,12-14).

#### *Restauração e reatamento das relações conjugais (v. 16-25)*

Ao comentar os versos 4-7, observamos que o julgamento de Javé não é punitivo. A sua intenção é a recuperação e a libertação de quem se encontra no

erro. Esta subunidade (v. 16-25) inicia com a conjunção *laken*, “portanto, por isso” (v. 16 conforme v. 8 e 11):

<sup>16</sup> *Por isso (laken), eis! eu a seduzirei (patah), e a encaminharei (halak), ao deserto (midbar), e falarei (dabar) ao seu coração (leb).* <sup>17</sup> *E, de lá, darei para ela as suas vinhas (keramim) e o vale de Acor (‘emeq ‘akor), será por porta da esperança (petaḥ tiqewah). Ali, ela responderá (‘anah), como nos dias de sua juventude (na’ar), como no dia que subiu (‘alah), da terra do Egito.* <sup>18</sup> *E acontecerá naquele dia, declaração de Javé (ne’um Iahweh). Tu me chamarás (qara’), meu homem (‘iš), e não mais me chamarás meu baal (ba’al).* <sup>19</sup> *E afastarei (sur), os nomes dos baais de seus lábios e não será mais lembrado por seus nomes.* <sup>20</sup> *E farei para eles uma aliança (karati lahem berit) com os animais do campo e com as aves do céu e os répteis da terra. E o arco (qešet), e a espada (ḥereb), e a guerra (mileḥamah) destruirei (šabar) desde a terra e fá-lo-ei descansar (šakab), em segurança (beṭaḥ).* <sup>21</sup> *Para mim, noivar-te-ei (‘araš) para sempre; noivar-te-ei, para mim, em justiça e no direito (bešedeq ubemišpat), e na bondade (ḥesed), e na compaixão (raḥamim).* <sup>22</sup> *E para mim, noivar-te-ei em fidelidade (‘emunah), e conhecerás (yada’) a Javé.*

Pela terceira vez, *laken* introduz as consequências resultantes da transgressão do povo israelita, agora para anunciar a restauração da vida na comunidade. Diferentemente das duas subunidades (v. 8-10 e 11-15) que relatam a culpa da esposa infiel, os v. 16-25 apontam para uma ação salvífica de Javé. Trata-se, agora, de um tribunal pedagógico, e não mais punitivo. Para tal, Oseias descreve Javé como um sedutor, *pataḥ*, e um guia (*halak*, Hifil, perfeito), para falar a Israel e trazê-lo de volta, isto é, livrá-lo do caminho da prostituição. A expressão “falarei ao seu coração” (*dibarti ‘al-libbah*: v. 16b) pertence ao âmbito da linguagem instrutiva e salvífica. Basicamente, esta expressão vem do círculo familiar onde os pais confortavam e animavam os/as filhos/as. Todavia, ela é assumida em outros âmbitos da vida quando a necessidade é instruir e animar (2Sm 19,8; 2Cr 30,22; 32,6). Heinz-Josef Fabry toma a expressão “falar ao seu coração” (Os 2,16b) como um “lugar clássico” na Bíblia Hebraica<sup>8</sup>. A decisão de Javé de “falar ao coração de Israel” é um esforço final para recuperá-lo e livrá-lo da prostituição. Mesmo decepcionado, Javé não se dobra pela solução de punir Israel com a morte, mas, com astúcia, quer seduzi-lo de forma persuasiva, e levá-lo para o deserto (Jr 20,7). A história bíblica mostra que esta forma de resolver um problema de infidelidade, com o objetivo de restaurar a aliança quebrada entre Israel e Javé, somente alcança a solução através do amor incondicional de Deus. O deserto que, antes, era símbolo de seca, desolação e morte – “e a porei, sim, como um deserto (*midbar*); e a farei (*šit*), como terra seca, e a farei morrer de sede” (v. 5) –, agora, é lugar de esperança

8. *leb*, FABRY, Heinz-Josef; BOTTERWECK, G.J.; RINGGREN, H., editors, In: *Theological Dictionary of the OT*, vol. VII, Michigan/Cambridge: William B, Eerdmans Publishing Company, p. 417-419.

e restauração: “Por isso (*laken*), eis! eu a seduzirei (*patah*) e a encaminharei (*halak*) ao deserto (*midbar*) e falarei (*dabar*) ao seu coração (*leb*: v. 16).

Outra palavra que não deve ser lida isoladamente é “vale de Acor” (v. 17a). Hans Walter Wolff, depois de analisar as suposições acerca da localização deste vale, chega à conclusão que o som da palavra *'akor* é mais importante do que sua localização geográfica<sup>9</sup>. A palavra “Acor” faz lembrar o termo hebraico *'akan*, sobre quem a ira de Javé trouxe desgraça (*'akar*: Js 7,24-26) sobre Israel. Assim como Javé muda o destino do Vale de Acor, de vale da desgraça e da ira, para porta da esperança (Os 2,17), Ele transforma a sequidão do deserto em lugar fértil da instrução divina.

A frase “eu a seduzirei e a encaminharei ao deserto” (v. 16a) passou a fazer parte de afirmações “querigmáticas” da Bíblia (Jr 2,2; Mt 4,1-11; cf. Lc 4,1-13; Mc 1,12-13). O deserto, apesar das desgraças e iras, é o lugar onde ela (a prostituta Israel) responderá, isto é, onde ela aceita ser instruída por Deus e retornar ao seu primeiro amor, o marido. O verbo hebraico *'anah* compreende dois sentidos: “responder” e “atender seguindo” de boa vontade. Esta disponibilidade de seguir está expressa na frase que segue: “Ali, ela responderá (*'anah*), como nos dias de sua juventude” (v. 17b). Assim, Jeremias entendeu e tornou mais clara a intenção de Oseias (Jr 2,2).

Para coroar esta disponibilidade divina, o profeta encerra o seu oráculo citando novamente a palavra de Javé para expor o seu favor e sua bênção sobre o povo regenerado:

*E acontecerá naquele dia, eu responderei – oráculo de Javé – eu responderei aos céus, e ele responderá à terra. E a terra responderá ao trigo (dagan), e ao vinho (tiroš) e ao óleo (yišehar), e eles responderão à Jezrael. E eu a sementearei para mim na terra, e eu terei compaixão (raḥam) de não compaixão (lo'-ruḥamah), e direi à não-meu-povo (lo'-'ammi): Tu és meu povo ('ammi), e ele dirá: “meu Deus” (v. 23-25).*

Pondo muita ênfase na resposta de Javé à desobediência de Israel, o profeta usa, significativamente, o verbo *raḥam*, cuja raiz produz o substantivo *reḥem*, “útero”. Isto é significativo, pois o ventre materno é o lugar e o berço onde é gerada uma nova vida. Oseias anuncia o novo Israel, de modo diferente da propaganda política dos reis. Esta nova comunidade começará a fluir no deserto, onde o povo dependerá unicamente de Javé. A transformação do povo e da terra tem como exemplo a conversão do Vale de Acor, o vale da desgraça, em Porta da Esperança. O profeta anuncia a presença de uma espiritualidade plena de alimento, compaixão e lealdade.

9. *Hosea*, p. 42-43.

## Conclusão

1. Aprendi com Milton Schwantes que a idolatria é debatida do início ao fim do livro de Oseias. Relendo o saudoso mestre, acrescento mais um dado importante: os profetas do século VIII aC entenderam que opressão e idolatria foram os males que corroeram e deterioraram toda a sociedade do Reino do Norte. Todavia, Schwantes sabia que a definição de idolatria ia muito mais além do que a religião de imagens. A idolatria é a submissão cega à ideologia de um poderoso rei como Jeroboão II. Sabe-se que a proibição das imagens é, provavelmente, posterior a Oseias.

2. Para Oseias, essa constante submissão aos grandes poderes (Os 8,9) é parte da mais ampla apostasia de Israel. Isto fica claro na terminologia usada por Oseias: “andar atrás dos meus amantes” (Os 5,11 e 2,7); *qara*’, “chamar” (7,7.11); “recompensa de amor que deram” (*natan*: 8,9 e 2,14). Isso revela, para as nações, que Israel esqueceu e abandonou sua histórica confissão de fé, “o êxodo do Egito” (12,10; 13,4).

3. Para o profeta Oseias, nenhum apoio poderia garantir um novo início para o derrotado Reino do Norte, senão o seu retorno a Javé. O profeta estava lutando contra a ilusão de encontrar ajuda e proteção da Assíria para conseguir um novo começo. Para o profeta, essas alianças com os estrangeiros são ineficazes (5,12-14). Oseias e os seus discípulos se convenceram que Israel, como Estado, deveria sofrer uma completa destruição antes de despertar de sua própria falta de memória, e lembrar-se de Javé e sua própria história. Só aí um novo início tornar-se-á possível (2,8-9; 3,4). A recuperação e salvação de Israel dependerão de uma corajosa atitude: voltar ao deserto e viver de novo as experiências vividas naquela caminhada (2,16; 11,5; 8,13; 9,3.6; 7,16).

4. Para Oseias, a ajuda só pode vir de Javé. Israel tem que abandonar a proteção dos poderosos e retornar, prontamente, para Javé. Porém, este desafio é declarado, tardiamente, vindo do círculo dos discípulos de Oseias (14,2-4). Oseias e os seus discípulos se voltaram para o começo da história da religião de Israel e apresentaram aos seus contemporâneos que o modelo do deserto seria a alternativa para se aproximar de Javé, rever os seus erros e buscar ajuda e dependência nele (13,4-6; cf. 9,10; 10,1-2; 11,1-4; 12,10). Assim, a política das alianças, com todos os perigos do lamaçal político e cultural, é o argumento que Oseias usa para combater a política de Jeroboão II. A arqueologia revela que o século VIII aC foi caracterizado, na Palestina, pela desintegração das culturas nacionais e a crescente importação da cultura da Assíria, do Egito e da Grécia. O texto de Oseias 2,4-17 é justificado por esse contexto político, econômico e religioso, reinante no Reino do Norte.

5. Não restam dúvidas de que Oseias fez parte do protesto profético, no século VIII aC. Suas palavras não ficaram vazias, mas elas provocaram uma crise social na sociedade do Norte de Israel. A queda do Reino do Norte aconteceu,

provocando uma fuga para Judá e Jerusalém. Esse fato provocou mudanças na sociedade sulista: cresceu um movimento de reforma religiosa com a intenção de evitar que, no Sul, acontecessem os mesmos erros cometidos no Norte. Era o tempo do rei Ezequias.

A reforma buscava a mudança do culto, enfim, um fim do sincretismo em atividade nos santuários provinciais, onde os costumes populistas estavam ativos. As experiências do Norte apontavam para o crescimento da influência canaanita no culto. Assim, a solução passava pela proibição do culto nos lugares altos (*bamot*), com os pilares (*masebot*), e axerás (*'šerim* (cf. 1Rs 14,23; 2Rs 17,10; 23,14; cf. 21,3; 23,4), quebrando peças da serpente de ferro, chamada Noestã (cf. Nm 21,8-9). Naturalmente, essa reforma, liderada por Ezequias, põe em dúvida a informação da Obra Historiográfica Deuteronomista (OHD) que esta foi uma decisão de Josias. Todavia, as descobertas arqueológicas mostram que, em Arad, o altar e todo santuário foi demolido, bem como o altar de Bersabeia, todos em 701 aC. Para não negar as afirmações da OHD, podemos dizer que Ezequias foi o iniciador da reforma religiosa em Judá e Jerusalém. Isto significa que, para Ezequias e o grupo reformista, a queda do Norte foi um aviso para iniciar um processo de purificação do culto javista, eliminando imagens divinas e todo tipo de prática semelhante ao baalismo.

6. Os paralelos entre a reforma de Ezequias, no Sul, e a polêmica levantada por Oseias, no Norte, têm uma enorme evidência. Essa semelhança acontece não somente nos temas, mas também na suposta presença do grupo dos discípulos de Oseias. Certamente, eles chegaram a Jerusalém com os refugiados e, com persistência, formaram o debate teológico sobre as razões da queda do Reino do Norte. Para esse grupo de discípulos, Javé trouxe um julgamento sobre Israel porque a sua história foi esquecida, e o povo se perdeu no culto não exclusivo a Ele. Ao mesmo tempo, o povo buscou assegurar seu futuro através de imagens e símbolos culturais. Assim, a pregação contra o culto icônico se tornou o principal tema da reforma.

*Tércio Machado Siqueira*  
Rua Planalto, 15, Apt. 101  
São Bernardo do Campo, SP  
CEP 09640-060

## **Bibliografia**

BÍBLIA. Português. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

FABRY, Heinz-Josef; BOTTERWECK, G.J.; RINGGREN, H., editors. *Theological Dictionary of the OT*, vol. VII, Michigan/Cambridge: William B, Eerdmans Publishing Company.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: Girafa, 2003.

MAERTENS, Thierry. *Fiesta en honor a Yave*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1964.

TUCKER, G.M. *Prophecy and Prophetic Literature*, Em: D.A. Knight, *The Hebrew Bible and its Modern Interpreters*, Philadelphia: Fortress/ScholarsPress, 1985.

WOLFF, Hans Walter. *Hosea*. Philadelphia: Fortress Press, 1974.